

7. A matéria do discernimento. A desolação

A primeira modalidade afetiva, objeto de discernimento, é a desolação. Mas do que se trata? O Papa Francisco aprofunda nesta nova catequese.

26/10/2022

Estimados irmãos e irmãs, bom dia!

Como vimos nas catequeses anteriores, o discernimento não é principalmente um procedimento lógico; ele incide sobre as ações, e as

ações têm uma conotação também afetiva, que deve ser reconhecida, porque Deus fala ao coração. Então, abordemos a primeira modalidade afetiva, objeto do discernimento: isto é, a *desolação*. De que se trata?

A desolação foi definida assim: "Obscuridade da alma, perturbação interior, impulso para coisas baixas e terrenas, inquietação devida a várias agitações e tentações: assim a alma inclina-se para a desconfiança, fica sem esperança e sem amor, torna-se indolente, tíbia, triste e como que separada do seu Criador e Senhor" (Santo Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, 317). Todos nós temos esta experiência. Acredito que, de um modo ou de outro, vivemos esta experiência da desolação. O problema é como poder lê-la, pois também ela tem algo importante para nos dizer, e se tivermos pressa de nos livrar dela, correremos o risco de a perder.

Ninguém gostaria de se sentir desolado, triste: isto é verdade. Todos gostaríamos de uma vida sempre jubilosa, alegre e realizada. E, no entanto, isto, além de não ser possível – pois não é possível – também não seria bom para nós. Com efeito, a mudança de uma vida orientada para o vício pode começar *a partir de uma situação de tristeza, de remorso* pelo que se fez. É deveras bonita a etimologia desta palavra, “remorso”: o remorso da consciência, todos conhecemos isto. Remorso: literalmente, é a consciência que morde, que não dá paz. Alessandro Manzoni, em *Os noivos*, ofereceu-nos uma maravilhosa descrição do remorso, como ocasião para mudar de vida. Trata-se do célebre diálogo entre o cardeal Federico Borromeo e o Inominado que, depois de uma noite terrível, se apresenta transtornado ao cardeal, que se dirige a ele com palavras surpreendentes: "Tem uma boa

notícia para me dar, e faz-me suspirar tanto?'. 'Boa notícia, eu? – disse o outro - Tenho o inferno no coração [...]. Diga-me, se o souber, qual é esta boa notícia?'. 'Que Deus tocou o seu coração e quer fazê-lo seu', retorquiu pacatamente o cardeal" (cap. XXIII). Deus toca o coração e vem-te algo dentro, a tristeza, o remorso por alguma coisa, e é um convite a iniciar um caminho. O homem de Deus sabe observar profundamente o que se move no coração.

É importante aprender a *ler a tristeza*. Todos sabemos o que é a tristeza: todos. Mas sabemos lê-la? Sabemos compreender o que ela significa para mim hoje? No nosso tempo – a tristeza – é considerada sobretudo negativamente, como um mal a evitar custe o que custar, e ao contrário pode ser um indispensável sinal de alarme para a vida, convidando-nos a explorar paisagens

mais ricas e férteis que a fugacidade e a evasão não permitem. S. Tomás define a tristeza como uma *dor da alma*: como os nervos para o corpo, ela desperta a atenção diante de um possível perigo, ou de um bem ignorado (cf. *Summa Th.* I-II, q. 36, a. 1). Por isso, é indispensável para a nossa saúde, protege-nos para não nos ferirmos a nós próprios e aos outros. Seria muito mais grave e perigoso não ter este sentimento e ir em frente. A tristeza às vezes age como semáforo: “Pare, pare! Está vermelho, aqui. Pare”.

Ao contrário, para quem tem o desejo de praticar o *bem*, a tristeza é um *obstáculo* com que o tentador quer *desencorajar-nos*. Neste caso, deve-se agir exatamente ao contrário em relação ao que é sugerido, determinado a continuar o que se tinha proposto cumprir (cf. *Exercícios espirituais*, 318). Pensemos no trabalho, no estudo, na oração,

num compromisso assumido: se os deixássemos, assim que sentíssemos tédio ou tristeza, nunca realizaríamos nada. Também esta é uma experiência comum à vida espiritual: o caminho para o bem, recorda o Evangelho, é estreito e íngreme, requer um combate, uma vitória de si mesmo. Começo a rezar ou dedico-me a uma boa obra e, é estranho, precisamente nesse momento vêm-me à mente coisas urgentes a fazer – para não rezar e não fazer as coisas boas. Todos temos esta experiência. Para quem quer servir o Senhor, é importante não se deixar enganar pela desolação. E isto que... “Mas não, não tenho vontade, isto é aborrecedor...”: estai atentos. Infelizmente, alguns decidem abandonar a vida de oração, ou a escolha feita, o matrimônio ou a vida religiosa, impelidos pela desolação, sem primeiro fazer uma pausa para considerar este estado de espírito, e sobretudo sem a ajuda de um guia.

Uma regra sábia diz para *não fazer mudanças quando se está desolado*. O tempo seguinte, e não o humor do momento, mostrará a bondade ou não das nossas escolhas.

É interessante observar, no Evangelho, que Jesus afasta as tentações com uma atitude de firme determinação (cf. *Mt 3, 14-15; 4, 1-11; 16, 21-23*). As situações de provação advêm-lhe de várias partes, mas sempre, encontrando n'Ele esta firmeza decidida a cumprir a vontade do Pai, esmorecem e deixam de impedir o caminho. Na vida espiritual, a provação é um momento importante, como a Bíblia recorda explicitamente, diz assim: "Se quiseres servir a Deus, prepara a tua alma para a provação" (*Eclo 2, 1*). Se quiseres ir pelo bom caminho, prepara-te: há obstáculos, tentações, momentos de tristeza. É como quando um professor examina o estudante: quando vê que conhece os

pontos essenciais da matéria, não insiste: passou a prova! Mas deve superar a prova.

Se soubermos atravessar a solidão e a desolação com abertura e consciência, poderemos sair revigorados sob os aspectos humano e espiritual. Nenhuma prova está fora do nosso alcance; nenhuma prova será superior ao que nós podemos fazer. Mas não fujamos das provas: verificar o que significa esta prova, o que significa que estou triste: por que estou triste? O que significa que neste momento sinto desolação? O que quer dizer que estou em desolação e não posso ir em frente? São Paulo lembra que ninguém é tentado além das próprias possibilidades, pois o Senhor nunca nos abandona e, tendo Ele perto, poderemos vencer todas as tentações (cf. *1 Cor 10, 13*). E se não a vencermos hoje, erguemo-nos outra vez, caminhamos e vencê-la-emos

amanhã. Mas não permaneçamos mortos – digamos assim – não permaneçamos vencidos por um momento de tristeza, de desolação: vamos em frente! Que o Senhor vos abençoe neste caminho – corajoso! – da vida espiritual, que é sempre caminhar.

pdf | Documento gerado automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/a-materia-do-discernimento-a-desolacao/> (12/01/2026)